FEIRAS DE CAMPO LARGO: ONTEM, HOJE E AMANHÃ:

Entre o Bem Viver e as Microestruturas Sociais

Rebeca Dias de Alcantara Cidade

Professor Dr. Sérgio Ribeiro dos Santos

PIVIC Mackenzie

RESUMO

Este artigo analisa as transformações históricas e sociais das feiras livres no município de Campo Largo/PR, estabelecendo um recorte prático sobre a Feira do Bem Viver, que ocorre na Escola Ser Criança desde 2019. Fundamentado teoricamente no conceito de "Bem Viver" de Alberto Acosta e nas ideias de "Microestruturas" e instituições mediadoras de Peter Berger, o estudo adota uma metodologia qualitativa e sócio-histórica por meio de observação participante. Os dados revelam que as modalidades de feiras locais cumprem funções que vão muito além da atividade comercial. Enquanto as feiras livres tradicionais promovem a convivência urbana e a Feira Nacional da Louça projeta a identidade industrial da cidade, a Feira do Bem Viver atua como uma estrutura intencional de proteção contra o isolamento social e digital contemporâneo. A iniciativa desenvolvida no ambiente escolar demonstra que a união entre economia solidária, atividades pedagógicas intergeracionais, circuitos curtos de comercialização de produtos orgânicos e o fortalecimento de vínculos afetivos familiares se apresenta como uma alternativa concreta para a melhoria da qualidade de vida comunitária. Essas ações alinham-se diretamente às metas dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU. Conclui-se que o futuro das feiras urbanas e da própria educação depende da capacidade de criar territórios planejados de desaceleração, afeto, arte e reciprocidade com a natureza.

Palavras-chave: Feiras Livres. Campo Largo. Bem Viver. Microestruturas Sociais. Economia Solidária.

ABSTRACT

This article analyzes the historical and social transformations of open-air markets in the municipality of Campo Largo, Paraná, focusing practically on the "Feira do Bem Viver", which has taken place at the Escola Ser Criança since 2019. Theoretically grounded in Alberto Acosta's concept of "Buen Vivir" (Good Living) and Peter Berger's ideas on "Microstructures" and mediating institutions, this study adopts a qualitative and socio-historical methodology

through participant observation. The data reveal that local market modalities fulfill functions that extend far beyond commercial activities. While traditional open-air markets promote urban coexistence and the "Feira Nacional da Louça" projects the city's industrial identity, the "Feira do Bem Viver" acts as an intentional structure of protection against contemporary social and digital isolation. The initiative developed within the school environment demonstrates that the combination of solidarity economy, intergenerational pedagogical activities, short supply chains for organic products, and the strengthening of family affective bonds presents a concrete alternative for improving community quality of life. These actions align directly with the Sustainable Development Goals (SDGs) of the UN 2030 Agenda. It concludes that the future of urban markets and education itself depends on the ability to create planned territories of deceleration, affection, art, and reciprocity with nature.

Keywords: Open-air Markets. Campo Largo. Good Living. Social Microstructures. Solidarity Economy.

1. INTRODUÇÃO

As feiras são celebrações que acontecem desde a Idade Antiga e com as mais variadas características que, em seu conjunto, iam além das relações de escambo e/ou compra e venda de produtos. Estavam associadas aos encontros periódicos de produtores e mercadores que aconteciam em datas fixas, em comemorações religiosas e profanas, com grande circulação de pessoas. Nos dias de descanso, muitos artesãos aproveitavam estas ocasiões para efetuar trocas e aumentar seus rendimentos.

Elas se intensificaram, no fim da Idade Média, com o aparecimento dos burgos, com o aumento das trocas comerciais e com a abertura de grandes rotas marítimas entre o ocidente e o oriente, principalmente na região do Mar Mediterrâneo. A nobreza concedia proteção aos mercadores, apoiava a armazenagem das mercadorias com isenção de impostos e combatia os comerciantes desonestos. Estes fatores foram de fundamental importância, além dos locais estratégicos de comercialização, para a expansão das feiras, apesar de o clero condenar veementemente a profissão de comprar e vender (PEDRO; COULON, 2003).

Já na Idade Moderna, com a ascensão e consolidação da burguesia, as feiras se tornaram eventos grandiosos e por isso justificava-se a construção de grandes pavimentos, pois atraíam milhares de pessoas. Além da comercialização de alimentos, roupas, joias, livros, instrumentos musicais, as inovações tecnológicas também estavam presentes nas feiras, tornando-se um espaço de comercialização e exposição das novas tecnologias. As feiras foram a origem do que hoje se conhece por lojas físicas e virtuais, mercados, shoppings e *e-commerce*. Embora estejam presentes em menor quantidade na realidade cotidiana das cidades, elas ainda englobam características necessárias, mas que foram perdidas ao longo da evolução comercial.

No cenário paranaense, o município de Campo Largo consolidou-se a partir de uma matriz socioeconômica plural, originalmente demarcada pela passagem histórica de rotas de tropeirismo no século XVII e, contemporaneamente, reconhecido por seu crescimento industrial. No entanto, paralelamente aos circuitos da indústria de cerâmica e de bebidas, insere-se no município uma dinâmica de abastecimento e sociabilidade que remonta às suas raízes coloniais e à agricultura familiar praticada em suas tradicionais colônias. É nessa fronteira entre o avanço da urbanização acelerada e a manutenção de saberes tradicionais que as feiras “livres” campo-larguenses emergem como importantes eixos de manutenção cultural e econômica local.

Atualmente, abrigando uma população estimada em mais de 140 mil habitantes, o município comporta diferentes modalidades de feiras que ocupam o espaço público. Desde a tradicional Feira do Produtor Rural, na região central, passando pela Feira Nacional da Louça

que projeta a identidade industrial da cidade para o cenário global, até iniciativas de caráter comunitário e pedagógico. Enquanto os grandes hipermercados homogeneízam o consumo e impessoalizam as relações humanas, as feiras locais de Campo Largo resistem como refúgios de subjetividade. Elas funcionam como laboratórios vivos de convivência, onde a comercialização de excedentes agrícolas e artesanais servem como pano de fundo para a composição de laços comunitários e de pertencimento social.

1.1 Problema de Pesquisa

Quais as contribuições, perspectivas e inovações da Feira do Bem Viver no município de Campo Largo/PR?

1.2 Justificativa

As relações comerciais contemporâneas focadas no consumismo exacerbado promovem cada vez mais o individualismo, acentuando prejuízos na saúde mental do indivíduo, como a depressão e a ansiedade, além de impactar diretamente o meio ambiente. Diante disso, as feiras ainda resistem há muito tempo como espaços de encontros, aprendizados, conversas, trocas e experiências. Estas resgatam e valorizam identidades, culturas, saberes, sabores e, principalmente, a dignidade humana.

As feiras são espaços que, intencionalmente, trabalham processos de envolvimento das pessoas. A complexidade destes processos pode contribuir para o aprendizado dos estudantes das instituições de ensino ao usar a feira como espaço de laboratório, no reconhecimento e valorização de artistas, artesãos, agricultores familiares e empreendedores locais. A pesquisa se insere em um município que conta com diversas modalidades de feiras, das quais algumas estão subvalorizadas e desconhecidas, mesmo ocupando espaços públicos de grande circulação; por não se encontrarem fortemente nas redes sociais, acabam invisibilizadas.

Com relação às ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) estabelecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU) na Agenda 2030, este trabalho contempla as seguintes metas: Fome Zero e Agricultura Sustentável (Meta 2.3); Educação de Qualidade (Meta 4.7) e Cidades e Comunidades Sustentáveis (Meta 11.a).

1.3 Objetivos

Objetivo Geral: Analisar a Feira do Bem Viver em Campo Largo, identificando as suas contribuições para a qualidade de vida da população.

Objetivos Específicos:

- Pesquisar o histórico das feiras em Campo Largo para contextualizar o setor;

- Interpretar os atributos da Feira do Bem Viver e seus benefícios na qualidade de vida da comunidade envolvida;
- Analisar perspectivas futuras e sua viabilidade na ótica do Bem Viver.

1.4 O Papel da História contra o Esquecimento Social

O resgate histórico proposto nesta pesquisa não é apenas uma lista de eventos passados. Ele serve para evitar o esquecimento provocado pelas rápidas mudanças econômicas da sociedade atual. Em um mundo onde tudo muda muito rápido e as relações se perdem, o historiador tem o papel de lembrar o que a sociedade esquece. Segundo Eric Hobsbawm (1998):

> Os historiadores são os componentes profissionais do que a sociedade lembra ou esquece. Eles ajudam a moldar a consciência histórica da sociedade, o que é de suma importância em uma era em que o passado parece estar se distanciando de nós a uma velocidade sem precedentes. Lembrar à sociedade aquilo que ela insiste em esquecer, ou que as estruturas de poder dominantes tentam invisibilizar, constitui a tarefa ética fundamental do nosso ofício. (HOBSBAWM, 1998, p. 56).

Em Campo Largo, entender a história das feiras livres, desde o garimpo de ouro e o Tropeirismo até a chegada das indústrias, ajuda a recuperar as relações humanas que foram substituídas pelo comércio impessoal dos grandes mercados físicos e digitais. O sumiço de pequenas propriedades e de produtores rurais que não dominam o uso da internet para fins comerciais mostra essa perda de memória. Estudar essas feiras ajuda a comunidade a entender sua própria história e a encontrar soluções para os problemas atuais.

2. METODOLOGIA

Segundo Minayo (2011, p. 14), a metodologia é "o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade". A presente pesquisa utiliza a abordagem qualitativa, pois trabalha no universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, que são entendidos como parte integrante da realidade social, considerando o ser humano como alguém que age, pensa e interpreta suas ações a partir da realidade vivida.

Dentre as metodologias qualitativas, a observação participante compreende uma forma de coleta de dados na qual o pesquisador interage pessoalmente com o contexto observado. O observador desempenha um papel ativo que potencializa a sua participação, com a finalidade de obter dados de melhor qualidade e integrar a sua ação dentro das ações do contexto que observa (HAGUETTE, 2005).

A coleta de dados empíricos foi realizada por meio de observação participante em todas as edições da Feira do Bem Viver, desde 2019 até 2026. Além da observação na Feira da Louça desde 2001, porém com um olhar nos últimos dois anos. No caso das feiras do

produtor rural e orgânica a observação se deu por participação direta da família da pesquisadora, enquanto comerciante, cliente e organizadora. Complementarmente, realizou-se uma revisão de literatura focada em feiras escolares e comunitárias, operando buscas em bases de dados científicos com descritores como: "feiras em escolas", "feira do bem viver", "feira livre" e "feira em Campo Largo".

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 O Conceito do Bem Viver: Uma Crítica ao Desenvolvimento Tradicional

O conceito de Bem Viver vem da visão de mundo dos povos indígenas andinos e amazônicos. Ele propõe uma organização social focada na harmonia com a natureza, superando a ideia tradicional de desenvolvimento que busca apenas o crescimento econômico (ACOSTA, 2011). Princípios como solidariedade e troca justa vão contra a lógica do consumo exagerado, que gera esgotamento dos recursos naturais e insatisfação nas pessoas (ACOSTA, 2011).

O Bem Viver (ou *Buen Vivir*) não nasceu nas universidades, mas sim na prática de comunidades indígenas latino-americanas, conhecido por termos como *Sumak Kawsay* (Kichwa) e *Suma Qamaña* (Aimará). Ele defende uma vida plena, baseada no equilíbrio do indivíduo, na união da comunidade e no respeito aos ciclos da natureza.

Alberto Acosta (2016) critica o modelo atual de desenvolvimento, que mede a qualidade de vida apenas pelo acúmulo de bens e dinheiro, tratando a natureza apenas como um objeto de exploração. O autor afirma que termos como "desenvolvimento sustentável" são apenas tentativas de melhorar um sistema que continua sendo destruidor. O Bem Viver, portanto, propõe uma forma totalmente diferente de viver. Ele se apoia em quatro pontos básicos:

- **Relação:** A ideia de que todos os seres vivos dependem uns dos outros;
- **Reciprocidade:** A troca justa de trabalho, produtos e conhecimentos;
- **Complementariedade:** A união das diferenças (de idade, cultura, etc.) para o equilíbrio do grupo;
- **Solidariedade:** Uma economia voltada para as necessidades reais das pessoas e da natureza, o que Leonardo Boff chama de "ética do suficiente" (BOFF, 2012).

Nas cidades atuais, as pessoas sofrem com o ritmo acelerado de trabalho e consumo, o que gera solidão e ansiedade. É por isso que as feiras livres e escolares em Campo Largo são importantes: elas deixam de ser apenas locais de comércio e viram espaços de convivência e resistência cultural (MARX; LEITÃO, 2025).

3.2 Histórico da Região de Campo Largo: Dos Ciclos Econômicos à Formação do Espaço Urbano

O território que hoje compreende o município de Campo Largo foi moldado por sobreposições de ciclos econômicos que forçaram, sucessivamente, a reconfiguração das microestruturas sociais. Originalmente, as terras eram habitadas pelas etnias indígenas Tinguis (Tupi-Guarani) e Cabeludos (Jê), tribos ceramistas que utilizavam a argila de forma manual, sintonizadas com o ecossistema local.

A primeira mudança estrutural ocorre em 1531, com as primeiras expedições luso-brasileiras lideradas por Lobo Coelho sob o comando de Martim Afonso de Souza. Contudo, a fixação demográfica europeia e o início do primeiro ciclo econômico regional só se consolidam em 1646, data em que o paulista João de Araújo descobre oficialmente as minas de ouro na região do Itambé. Esse achado aurífero desencadeou a formação dos primeiros "arraiais", pequenos núcleos onde se aglomeravam garimpeiros. A exploração do ouro campo-larguense estendeu-se por quase um século. A voracidade fiscal da Metrópole, materializada na cobrança do Quinto Real, levou o Príncipe Dom Pedro a designar Dom Rodrigo de Castel Blanco para fiscalizar a arrecadação. Foi nesse contexto que o Capitão Antônio Luiz Lamin, "O Tigre", descendente de bandeirantes, recebeu por doação seis sesmarias concedidas pelo Governador Thomaz Fernandes de Oliveira.

Em uma dessas sesmarias, denominada Tamanduá, foram erguidas a partir de 1702 as primeiras capelas da região dos Campos Gerais. O esgotamento gradual das jazidas de ouro em meados do século XVIII e o banimento dos jesuítas em 1759 pelo Marquês de Pombal desestruturaram o povoado de Tamanduá. Contudo, essa decadência abriu espaço para o segundo grande ciclo econômico de Campo Largo: o Tropeirismo. A partir de 1730, a sesmaria de Tamanduá converteu-se em um ponto estratégico dos antigos Caminhos das Tropas que ligavam os centros criatórios de Viamão-RS aos mercados de Sorocaba-SP, pois as pastagens serviam de engorda, troca e venda de gado. O tropeirismo moldou uma nova microestrutura social baseada nos pousos e nas feiras sazonais.

No início do século XIX, a economia regional ganha um novo fôlego com a emergência do ciclo da erva-mate, o "ouro verde". Em 1820, o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire percorreu a província e classificou a *Ilex paraguariensis*. A extração e o beneficiamento da erva-mate impulsionaram a construção de engenhos de pré-beneficiamento (carijos e barbaquás) nas colônias campo-larguenses. O mate era transportado por tropeiros até os portos de Paranaguá e Antonina para exportação, gerando uma acumulação de capital que pavimentou a autonomia político-administrativa do território.

Em 12 de março de 1828, Campo Largo foi elevada à categoria de distrito pertencente à Comarca de Curitiba. Em 1850, negros escravizados organizaram a Comunidade Quilombola Palmital dos Pretos, garantindo formas comunitárias de uso da terra. Após a emancipação da Província do Paraná em 1853, Campo Largo tornou-se uma das seis freguesias da capital. Com o objetivo de dinamizar a produção de alimentos, o governo provincial implementou, a partir de 1860, uma política de colonização, atraindo imigrantes poloneses e italianos para colônias agrícolas (como Mariana, Campina, Rondinha e Dom Pedro), estruturando o cinturão verde da região.

Em 1873, cria-se a comarca de Campo Largo por decreto do Imperador Dom Pedro II. Com a Proclamação da República, as leis federativas favoreceram a autonomia municipal, alinhando a cidade aos ideais de progresso. Entre as décadas de 1920 e 1960, consolidam-se as fábricas pioneiras de louça, convertendo a vocação ceramista indígena em parque fabril. Esse ciclo culminou na Lei Estadual nº 16.773 de dezembro de 2010, declarando Campo Largo como a Capital da Louça e Porcelana de Mesa e da Cerâmica do Estado do Paraná.

3.3 Feira do Produtor Rural: Convivência e Espaço Urbano

A História de Campo Largo ajuda a entender por que as feiras livres continuam existindo e funcionando como locais de encontro. Atualmente existem duas feiras rurais principais: a feira do produtor rural, que acontece aos sábados de manhã perto do terminal rodoviário, e a feira de produtos orgânicos que é realizada nas manhãs de quarta-feira na Praça Getúlio Vargas.

Acompanhar esses locais permitiu ver que as feiras vão muito além da venda de produtos. Nelas, o comércio se mistura com as relações de amizade e família. Os feirantes, muitos deles netos dos primeiros imigrantes poloneses e italianos, usam as bancas para manter viva a sua identidade.

Sob o olhar sociológico de Peter L. Berger e Thomas Luckmann desenvolvida na obra *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*, a feira livre atua como uma legítima estrutura mediadora ou instituição intermediária. Os autores enfatizam que as megaestruturas, personificados nas redes de hipermercados e nas plataformas digitais de consumo, caracterizam-se por uma racionalidade fria, burocrática e abstrata. O ato de adquirir alimentos nesses grandes complexos corporativos foi esvaziado de qualquer dimensão humana ou ética; transformou-se em uma operação solitária, veloz e monitorada por códigos de barras, incapaz de prover sentido ou coesão social aos indivíduos, o que intensifica os quadros contemporâneos de caos e isolamento social.

Em contrapartida, a feira livre devolve à experiência urbana uma escala humana. O diário de campo registrou que o movimento das feiras de Campo Largo é marcado pela

lentidão e pelo encontro das pessoas. As bancas destinadas à comercialização de embutidos artesanais, queijos coloniais, doces em calda, conservas e hortaliças operam como espaços de conversação. Observou-se a presença de rituais, como o "hábito do pastel de feira" acompanhado pelo caldo de cana, dinâmica que funciona como motivo para desacelerar. Na praça ou no pátio rodoviário, a vida pública e a vida privada dos cidadãos campo-larguenses se cruzam de forma democrática: observaram-se rodas de conversa informais envolvendo desde autoridades do poder executivo e legislativo municipal até o cidadão comum, debatendo os rumos da cidade sem as formalidades burocráticas das instituições.

Esse fenômeno se assemelha aos cafés de Paris e Londres do século XVII, apontados por Habermas (2014) como os berços da esfera pública moderna. Nesses locais, as diferenças sociais eram deixadas de lado para dar lugar ao debate político e ao diálogo livre. Essa mesma dinâmica se repete na Boca Maldita, em Curitiba, desde a década de 1950. Assim como os cafés históricos, a calçada curitibana transformou-se em um espaço público de convivência, troca de informações e resistência ao isolamento, onde a voz do cidadão ganha força por meio da conversa espontânea. Na feira do produtor rural de Campo Largo, os indivíduos encontram o que Berger e Luckmann conceituam como uma "redoma protetora de sentido", onde os códigos de linguagem são personalizados, os sujeitos possuem rostos e nomes e a confiança mútua substitui a vigilância.

Paralelamente, quando analisada sob a ótica do pós-desenvolvimentismo de Alberto Acosta (2016), a feira de produtos orgânicos realizada às quartas-feiras na Praça Getúlio Vargas assume os contornos de uma trincheira ecológica e ideológica baseada na práxis do Bem Viver. Acosta argumenta que o capitalismo contemporâneo converteu a natureza e os alimentos em mercadorias puramente abstratas, submetidas à especulação financeira e desvinculadas de seus suportes biológicos originais. Os grandes supermercados modernos simulam uma perenidade artificial ao exibirem tomates, morangos ou couves nas prateleiras durante os doze meses do ano, ocultando os impactos ecológicos do uso intensivo de agrotóxicos, da monocultura e do transporte de cargas.

A feira agroecológica de Campo Largo opera na contramão dessa engrenagem ao instituir os chamados "circuitos curtos de produção e consumo". Ao limitar o raio de abastecimento aos produtores locais, o espaço valoriza o trabalho agrícola familiar e promove a soberania alimentar do município. O alimento comercializado na praça carrega um valor simbólico; o consumidor dialoga diretamente com a mulher ou o homem que manejou a terra, preparou a compostagem e colheu o vegetal na tarde anterior. Este contato quebra o mito da produção de “tudo o ano todo”, educando o cidadão urbano para a compreensão da sazonalidade da produção (o tempo da natureza). A economia ali praticada deixa de ter como última ênfase o acúmulo de capital e passa a focar também na sustentabilidade da vida

comunitária, constituindo uma alternativa viável e urgente que responde de forma prática às metas das ODS da ONU para o desenvolvimento equilibrado das cidades contemporâneas.

3.4 A Feira Nacional da Louça: Entre a Lógica do Mercado e a Continuidade do Saber Artesanal

A gênese da Feira da Louça remonta ao início da década de 1990, emergindo como uma resposta institucional articulada para enfrentar uma crise local. A primeira edição do evento ocorreu entre os dias 06 e 15 de dezembro de 1991, implantada em um terreno baldio localizado nas adjacências da Praça Getúlio Vargas. Como detalhe historiográfico relevante colhido junto às fontes documentais do acervo histórico municipal, o espaço escolhido pertencia a uma tradicional indústria cerâmica local que havia sido severamente destruída por um incêndio. Idealizada em regime de parceria entre a administração municipal da época e o Sindicato das Indústrias de Vidros, Cristais, Espelhos, Cerâmica de Louça e Porcelana do Estado do Paraná (Sindilouça-PR), uma empresa especializada em eventos foi contratada para coordenar a logística inicial.

O objetivo principal do evento centrava-se no fortalecimento da indústria e do comércio varejista do município, que enfrentavam os impactos da abertura de mercado do período Collor. Para potencializar o fluxo de visitantes, a feira foi intencionalmente programada para coincidir com as festividades de fim de ano, integrando-se ao calendário do I Natal Luz da cidade. A partir da terceira edição, a responsabilidade executiva e operacional foi transferida em caráter definitivo para o Sindilouça-PR, formato organizativo que se perpetua até hoje. Naquela primeira edição de 1991, a infraestrutura era rudimentar conforme ilustrado nas figuras I e II[1], amparada sob a cobertura de lonas de circo, mas já contava com a participação das grandes indústrias da região, como as Porcelanas Schmidt, Germer, Lorenzetti, Cerâmica Brasília, Bot Art e Studio Tacto.

Figura I – Primeira edição da Feira da Louça – entrada.



Fonte: Folha de Campo Largo (1991-1992, p. 18).

Figura II – Primeira edição da Feira da Louça, parte interna.



Fonte: Sindilouça-PR (2026).

[1] Informação fornecida por mensagem eletrônica pelo Sindicato da Indústria de Vidros, Cristais, Espelhos, Cerâmica de Louça e Porcelana do Estado do Paraná (Sindilouça-PR) em 12 de fevereiro de 2026. Arquivo sob posse do autor.

O sucesso comercial do evento forçou sua migração física já nas edições seguintes, passando a ser sediado nas instalações do ginásio de esportes do bairro Rondinha, onde permaneceu como um marco identitário daquela comunidade até o ano de 2019. O advento da pandemia da Covid-19 em março de 2020 impôs a interrupção temporária do calendário presencial da feira por dois anos consecutivos, em cumprimento aos decretos e protocolos de segurança sanitária. A retomada presencial ocorreu em 2023, marcando a sua 30ª edição histórica, e inaugurando uma nova fase estrutural ao migrar para as dependências do *City Center Outlet Premium*, localizado às margens da rodovia BR-277.

Os dados estatísticos fornecidos pelo Sindilouça-PR, via contato telefônico, demonstram o crescimento exponencial do evento. Se no início da década de 1990 o público frequentador ao longo dos dez dias de evento situava-se na casa dos 20.000 indivíduos, as edições contemporâneas realizadas no mês de setembro registram marcas de até 190.000 visitantes, atraindo compradores de outros estados e do Mercosul. Esse incremento volumétrico reflete investimentos em estratégias de marketing, profissionalização logística e consolidação da tradição do evento.

A relevância da feira extrapolou as fronteiras estaduais: em outubro de 2025, a Câmara dos Deputados aprovou o Projeto de Lei nº 2896/24, concedendo oficialmente a Campo Largo o título de Capital Nacional da Louça. O relatório favorável foi chancelado pela Comissão de Educação e Cultura do Senado, aguardando sanção presidencial. A obtenção desse selo federal atua como um ativo estratégico que facilitará a captação de recursos públicos via leis de incentivo e impulsionará o turismo de negócios, justificando-se pelo fato de o polo industrial de Campo Largo responder por 75% da produção nacional de louças profissionais voltadas para o setor de hotelaria, bares e restaurantes.

Ao analisar a Feira da Louça sob o olhar historiográfico e sociológico, torna-se difícil não tecer uma analogia com o surgimento dos grandes mercados na Europa Baixa-Medieval. Em sua obra *A Baixa Idade Média*, o historiador francês Jacques Le Goff analisa a articulação das feiras na região de Flandres até os países bálticos, demonstrando o enriquecimento das corporações de ofício:

> As cidades dessa região se enriqueceram primeiro pela venda de tecidos, mas sua produção artesanal — e, no caso dos tecidos, quase industrial — cresceu e se diversificou. Chegam a constituir uma grande rede que é também uma grande via de circulação de mercadorias. (LE GOFF, 2014, p. 28).

De forma análoga ao modelo europeu medieval, onde a feira deixava de ser um entreposto local para se tornar o ponto de convergência de uma malha produtiva especializada, a Feira da Louça de Campo Largo reflete a consolidação de uma rede técnica e comercial que projeta a identidade territorial para além das fronteiras municipais. Todavia,

segundo Peter Berger e Thomas Luckmann (2012) em *Modernidade, pluralismo e crise de sentido*, essa transição para o ambiente de um *outlet* hipermoderno e a busca por visibilidade global expõem as contradições às megaestruturas da modernidade. Ao alinhar-se com os valores contemporâneos do consumo de massa, da padronização industrial e da maximização do lucro, o evento corre o risco de sofrer um processo de esvaziamento de sua dimensão humana e comunitária, convertendo a herança cultural em mera mercadoria.

Apesar dessas pressões das megaestruturas econômicas, a observação participante demonstrou que a Feira da Louça ainda preserva frestas de resistência onde o saber tradicional e o sentido identitário são preservados. Na 32ª edição do evento, realizada em setembro de 2025, essa tensão ficou evidente na introdução de elementos que buscavam conectar a técnica industrial à dimensão artística e gastronômica local. A feira incorporou oficinas coordenadas por chefs de cozinha que utilizavam os utensílios produzidos na cidade para o preparo e a apresentação de pratos típicos da culinária regional, valorizando a cultura alimentar.

Outro elemento de destaque estético e simbólico foi a instalação da obra "A Dama da Louça", vide Figura III, escultura concebida pelo artista plástico Toto Lopes. Construída a partir da articulação de mais de 250 pratos de porcelana, a obra funcionou como uma intervenção artística itinerante, percorrendo praças públicas e pontos turísticos estratégicos da capital paranaense e da Região Metropolitana antes da abertura do evento, despertando olhares contemplativos.

Figura III – A Dama da Louça.



Fonte: Folha de Campo Largo (2025).

Além disso, os diários de campo registraram uma dinâmica de resgate histórico em um estande institucional: a presença de mestre artesão que realizava demonstração pública de modelagem da argila bruta em torno mecânico e manual. Ao moldar formas utilitárias e decorativas diante do público consumidor, o artesão resgatava simbolicamente a técnica do

passado, expondo o trabalho vivo em contraposição à automação das linhas de montagem fabris. Essa exibição conecta-se diretamente com a ancestralidade do território campo-larguense.

Enquanto o torno mecânico remonta às inovações tecnológicas surgidas na Mesopotâmia por volta de 3.500 a.C. e introduzidas no Brasil pelos colonizadores europeus, a modelagem manual evoca as práticas originárias das tribos Tinguis e Cabeludos, que utilizavam os movimentos do próprio corpo para esculpir a cerâmica utilitária. Desse modo, mesmo fazendo parte de um grande evento de negócios, a Feira da Louça mantém viva a história do trabalho humano e a identidade da cidade. Ela evita que essas memórias sejam esquecidas e oferece aos visitantes uma forte ligação com a cultura local.

3.5 A Feira do Bem Viver (Escola Ser Criança): Uma Microestrutura Intencional de Desaceleração e Práxis Histórica

Se as feiras do produtor rural manifestam uma herança espontânea ligada às colônias agrícolas e a Feira da Louça se estrutura a partir da mega escala industrial, a Feira do Bem Viver, realizada de forma contínua no espaço da Escola Ser Criança desde 29 de maio de 2019, representa uma ruptura radical e deliberada com os modelos convencionais de comércio urbano. A análise dos dados coletados ao longo de sete anos de observação participante, de 2019 ao corrente ano de 2026, demonstra que essa iniciativa constitui uma microestrutura intencional de proteção, concebida conscientemente para enfrentar a crise de sentido e o adoecimento psíquico que caracterizam a modernidade.

Peter L. Berger e Thomas Luckmann, na obra *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno* oferecem o embasamento teórico chave para a análise desse fenômeno comunitário. Os sociólogos argumentam que o avanço do pluralismo cognitivo e a consequente perda de monopólio das instituições tradicionais (como a família extensa, a igreja local e as comunidades rurais integradas) geraram uma profunda fragmentação na realidade social contemporânea. Em épocas pré-modernas, os sistemas de valores eram dotados de uma qualidade de "auto evidência": o sujeito nascia imerso em uma matriz de significados compartilhados que respondia, sem espaço para dúvidas, qual era o sentido do tempo, da educação, das trocas materiais e das relações humanas. No cenário contemporâneo, essa auto evidência foi pulverizada; o pluralismo transforma ideias, crenças e estilos de vida em mercadorias flutuantes, obrigando o indivíduo moderno a escolher e edificar, por esforço estritamente individual, seus próprios pilares de certezas.

Essa ausência de um solo firme de significados comuns projeta o ser humano em uma crônica crise de sentido e em uma vulnerabilidade extrema ao caos. O macrossistema burocrático regula de forma fria a sobrevivência material, mas recusa-se a oferecer respostas

morais ou amparo afetivo. É nesse diagnóstico que Berger e Luckmann identificam as funções das instituições intermediárias voluntárias: pequenos refúgios de sociabilidade onde um grupo decide, de forma autônoma e intencional, uma microestrutura que conecta o indivíduo isolado e o proteja contra o caos presente na sociedade contemporânea.

A Feira do Bem Viver ilustra com exatidão a materialização de uma instituição intermediária de caráter intencional. O projeto germinou em maio de 2019 a partir da escuta atenta da diretoria da escola a mães inspiradas pelos movimentos *Grupo Maternarum*[2] e *Associação Casa da Videira*[3]. Estas mães gostariam de experienciar um sistema artesanal que gerasse uma renda adicional e que, acima de tudo, viabilizasse passar tempo de qualidade com seus filhos durante o curto período da infância.

Sob o "guarda-chuva" do *Projeto Colorindo a Natureza*, essa comunidade escolar reuniu pessoas com ideais próximos, compreendendo que a feira deveria funcionar como um território de desconexão tecnológica. O objetivo central transcendia o mero fomento ao empreendedorismo tradicional; visava fundar uma rede capilarizada de pessoas que se conhecem mutualmente e que pudessem refletir coletivamente sobre a práxis existencial do Bem Viver, contrapondo-se à volatilidade e à fragilidade dos laços sociais que Zygmunt Bauman (2005) conceitua como a marca da sociedade líquida, e erguendo uma barreira de proteção à infância frente à epidemia global de ansiedade, depressão e transtornos mentais que o psicólogo social Jonathan Haidt (2024) documenta cientificamente na obra *A geração ansiosa* como o resultado direto da substituição da infância baseada no brincar e no convívio comunitário pela infância baseada no monopólio das telas e dos smartphones.

Assim, no primeiro ano e com seis edições, reuniu cerca de quinze expositores (familiares, professores e agricultores familiares orgânicos). As bancas eram organizadas em círculo com uma praça central dotada de mesas, bancos e café, estimulando a permanência e quando necessário, transformando-se em semicírculo para abrigar o palco de apresentações culturais (danças, corais e teatros), como demonstrado no infográfico da Figura IV, elaborado por esta pesquisa com suporte de inteligência artificial.

[2] Maternarum: empreendimento social que atua como uma rede colaborativa para apoiar e empoderar mães empreendedoras. Informações adicionais são encontradas no Facebook

[3] Associação Casa da Videira: organização não governamental cristã que trabalhou com projetos nas áreas de formação humana e negócios sociais, de 1991 a 2023.

Figura IV – Configuração da Feira do Bem Viver.



Fonte: Elaborado pelo autor com auxílio da IA NotebookLM (2026).

A empolgação das crianças na feira era a mesma como em dia de festa, recuperando a raiz etimológica do termo: a palavra feira vem do latim *feria*, empregada para os dias de repouso e festas religiosas. Na língua portuguesa, este significado também é explicado para o surgimento da palavra "férias". Antigamente, os dias de feira coincidiam com os dias de festas religiosas e quando, não havendo a obrigatoriedade do trabalho, as pessoas tinham mais tempo para circular. Burke enfatiza essa ideia, dizendo não só sobre a *"importância econômica das feiras na Europa pré-industrial ..."* mas que em determinadas regiões,

> a feira era "programada de modo a coincidir com uma grande festa: a festa de Ascensão, Veneza (com uma feira de quinze dias), a festa de santo Antônio, em Pádua (outra feira de quinze dias), e assim por diante [...] as feiras não eram apenas locais para o comércio de cavalos ou carneiros e a contratação de empregados, mas também, como nos países menos desenvolvidos de hoje, locais onde os jovens se encontravam sem ficarem sob a supervisão da família, e onde todos podiam assistir aos artistas ambulantes, dançar ou ouvir as últimas novidades. (BURKE, 2010, p. 199-200).

Essa celebração coletiva expandiu para além dos limites das bancas expositoras. Em setembro de 2019, a feira promoveu uma oficina de antepasto de berinjela na cozinha da escola – Figura V. O produto que fez muito sucesso durante os dias de Feira, desencadeou em algumas mães e mulheres da comunidade local o interesse em aprender a fazê-lo. A oficina além de resgatar receitas e saberes culinários, fortaleceu ainda mais os vínculos entre as pessoas, despertando também a curiosidade e a atenção dos alunos ao sentirem os aromas que inundavam a atmosfera.

Figura V – Cartaz e oficina do evento.



Fonte: Acervo da Escola Ser Criança (2019).

Adotar uma agricultora com certificação orgânica e que produz a menos de 20km da escola foi uma ação assertiva e muito significativa. Pois além de estimulá-la a se manter da agricultura familiar, ela foi valorizada, não só por ser mulher, mas, pelo seu trabalho com qualidade e zelo - Figura VI. Os alunos e toda a comunidade escolar puderam conhecer a variedade de alimentos como, por exemplo: tomates de diversas cores, couve flor roxa... e o sabor real de hortaliças e frutas que não tem a presença de agrotóxicos e, além disso, compreenderam sobre a sazonalidade de cada alimento, o tempo da natureza.

As relações de confiança e amizade entre a agricultora e a comunidade escolar foram se estreitando tanto, que foi possível realizar, no dia 26/10/2019, uma tarde de campo na propriedade rural e cujo cartaz está representado na Figura VI. Neste evento, os alunos vivenciaram a interdisciplinaridade prática entre história, geografia e biologia. Além disso, experiências significativas como escolher o nome da bezerra que nascera naquela madrugada, batizando-a como Lua. Os encontros promovidos através da Feira do Bem Viver, ajudou, posteriormente, tanto a produtora rural a fornecer alimentos como aos familiares dos alunos a terem acesso a comida durante o período da pandemia da Covid-19.

Figura VI – Vista geral da banca da agricultora e cartaz do evento.



Fonte: Acervo da Escola Ser Criança (2019).

Retomada presencialmente em 07 de dezembro de 2020, a feira incorporou dinâmicas que remetem à Idade Moderna, período em que livros e espetáculos eram divulgados nos mercados de rua, viabilizando o acesso à cultura (BURKE, 2010). O evento sediou o lançamento do livro do professor de artes Guga Cidral, promovendo a cultura impressa contra o monopólio das telas – Figura VII. Destacou-se também a produção de pães de fermentação

natural pelo professor de invencionática[4] Nikolas Libert, protegendo um saber familiar de 90 anos que contrapõe a pressa do fermento industrializado – Figura VII.

Figura VII – Imagens do livro e os pães com fermentação natural.



Fonte: Acervo da Escola Ser Criança (2020;2025).

A dança, a pintura, a escultura, o canto e o teatro protagonizados pelos estudantes consolidaram-se nos anos seguintes, com ênfase nas apresentações do *Coral Ser* interpretando músicas de raiz e clássicos cancioneiros populares. Gradativamente, os alunos tornaram-se expositores: em 2021, a turma do 4º ano desenvolveu um projeto transdisciplinar de confecção e venda de bijuterias de miçangas para arrecadar fundos para um passeio, integrando conceitos de matemática, administração, logística e marketing.

As relações intergeracionais sobressaíram através da participação ativa de avós agricultores e artesãos. Registrou-se o caso de um estudante que atuou espontaneamente como "empresário" e agente logístico de sua avó artesã; posteriormente, inspirado pela vivência, o próprio aluno concebeu seu produto autoral, um boneco ecológico do qual denominou "cabeçudinhos"[5], vide Figura VIII, e cujo sucesso de vendas envolveu o apoio afetivo dos pais e o engajamento dos amigos. Sob o olhar de Peter Berger, a feira consolidou-se como a microestrutura protetora contra a volatilidade social (BAUMAN, 2005) e a epidemia de adoecimento mental infantojuvenil causada pela hiper conectividade (HAIDT, 2024).

Figura VIII – Bonecos ecológicos.



Fonte: Acervo da Escola Ser Criança (2023).

[4] Nome atribuído pela escola e alunos para o componente de ensino que desenvolve invenções, experiências científicas e robótica.

[5] O boneco ecológico também conhecido como boneco cabeça de grama.

A longevidade da Feira do Bem Viver na Escola Ser Criança, ativa desde maio de 2019, corrobora a tese de Acosta de que as premissas do *Buen Vivir* não se restringem ao isolamento geográfico das florestas tropicais ou das altas cordilheiras; elas nascem como respostas urgentes e necessárias no interior da própria sociedade. A parceria estratégica firmada entre a escola e a agricultora local mostra a transição civilizatória defendida pelo autor. O fato de as famílias e os estudantes terem realizado uma tarde de campo na propriedade rural em outubro de 2019, participando ativamente do manejo e batizando uma bezerra, demonstra que o espaço da feira transbordou sua barreira física, transformando e ressignificando as relações humanas.

Durante a crise pandêmica de 2020, quando os circuitos globais de distribuição logística demonstraram sua fragilidade estrutural, foi a solidez desse circuito microestrutural e solidário que garantiu a segurança alimentar contínua das famílias da comunidade escolar de Campo Largo todas as quartas-feiras. A feira escolar, portanto, culmina com o papel histórico assinalado por Eric Hobsbawm: ela impede o esquecimento social das técnicas tradicionais de cooperação e panificação milenar, provando que alternativas fundadas na racionalidade e na ética do suficiente são viáveis, duradouras e imperativas para enfrentar o colapso subjetivo e socioambiental do século XXI.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa evoca inevitavelmente uma postura de implicação metodológica e existencial. Ao assumir o lugar de fala de pesquisadora e, simultaneamente, de uma das mães que fomentaram e organizaram as bases da Feira do Bem Viver no ano de 2019 até os dias de hoje, constata-se que este artigo científico, escrito sete anos após as primeiras sementes do projeto, materializa a complexa transição entre a ação comunitária e a reflexão teórica. Esse movimento investigativo reverbera as premissas de Ivani Fazenda sobre a pesquisa-ação interdisciplinar:

> ...A investigação na ação, que denominamos interdisciplinar, nasce de uma vontade construída na escola. Seu nascimento não é rápido, exige uma gestação na qual o pesquisador se aninha no útero de uma nova forma de conhecimento – a do conhecimento vivenciado, não apenas refletido; a de um conhecimento percebido, sentido, não apenas pensado – então, a ciência se fez arte. E o movimento que essa arte engendra é capaz de modificar os mais sisudos e tristes prognósticos para o amanhã, em educação e na vida (FAZENDA, 1997, p. 15).

Ao final deste estudo, evidencia-se que as comunidades originárias, ao perpetuarem os valores do Bem Viver por séculos, deixam uma herança capaz de trazer a sociedade atual possibilidades para manutenção da humanidade. Em contrapartida, o obscurecimento desses valores empurrou a sociedade ocidental para o circuito de aceleração frenética descrito por

Nicolau Sevcenko, uma "montanha-russa" tecnológica que consome o planeta e aliena os indivíduos.

As feiras livres de Campo Largo, em suas diferentes escalas, mas de modo irredutível na experiência pedagógica da Feira do Bem Viver, provam que o amanhã da educação e da vida urbana depende da nossa capacidade de fundar territórios de desaceleração, afeto, arte e reciprocidade com a Natureza, constituindo as "ilhas de certeza" propostas por Edgar Morin (2026), em reflexões que encerram sua centenária e brilhante trajetória, fundamentais para enfrentar a complexidade do século XXI.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Autonomia Literária/Elefante, 2016.

ALCANTARA CIDADE, Rebeca Dias de. **Feira do Bem Viver**. Campo Largo, 2026. 1 infográfico. Elaborado com o auxílio do modelo de inteligência artificial NotebookLM da Google. Disponível em: Coleção particular da autora.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BERGER, Peter L. **A Expansão do Pluralismo e a Crise de Sentido**. São Paulo: Vozes, 2012.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno**. Lisboa: Nova Vega, 1997.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é e o que não é**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papirus, 1997.

FOLHA DE CAMPO LARGO. [**Dama da Louça estará em Campo Largo neste domingo e no dia 03 de setembro para anunciar a 32ª Feira da Louça**]. Folha de Campo Largo**,** Campo Largo, 29 ago. 2025. Disponível em: <https://www.folhadecampolargo.com.br/noticia/54851/dama-da-louca-estara-em-campo-largo-neste-domingo-e-no-dia-0>. Acesso em: 6 ago. 2026

FOLHA DE CAMPO LARGO. **Feira faz tanto sucesso que a de 1992 está sendo organizada**. Campo Largo, p. 18, dez. 1991/jan. 1992.

GONÇALVES, Luiz Antônio Araújo. **As metamorfoses dos mercados tradicionais e a sociabilidade urbana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa. Tradução de Denilson Luís Werle. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2005.

HAIDT, Jonathan. **A geração ansiosa: como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2024.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LE GOFF, Jacques. **A Baixa Idade Média**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

MARX, Janaina; LEITÃO, Karina. Land and Territory in Discourses on Buen Vivir: Towards the Refounding of Latin American Urban and Regional Thought. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (RBEUR)**, v. 27, n. 1, p. 1-24, maio 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

PEDRO, Antonio; COULON, Olívia Maria Lima. **História do Mundo Ocidental**. São Paulo: FTD, 2003.

SER CRIANÇA. **[Fotografias]**. Campo Largo, 2019-2025. 12 fotografias. Arquivo digital cedido para fins acadêmicos.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI: No loop da montanha-russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Contatos: 10435251@mackenzista.com.br e sergio.santos@mackenzie.br